

Diário da Sessão n.º 112 de 08/09/04

Deputado Francisco Oliveira (PS): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

ILHA TERCEIRA, *uma Terra de encanto.*

Esta afirmação constitui, quanto a nós, a síntese da definição que possa atribuir-se àquela Ilha, considerando as suas gentes e as maravilhosas paisagens que a compõem.

O conjunto diversificado das suas trinta freguesias, desde a harmonia perfeita da paisagem composta pelo rendilhado das paredes geometricamente delineadas dos seus terrenos de pastagem ou de cultivo até à disposição dos arruamentos e dos edifícios que englobam, quer a perfeição do estilo *Ramo Grande* ou a imponência das casas senhoriais das Quintas de São Carlos, quer a elegância da construção moderna, ou ainda a maravilhosa traça da cidade de Angra do Heroísmo, consagrada Património Mundial pela UNESCO, representam o melhor do que se pode encontrar em qualquer lado, constituindo uma delícia para os que ali vivem e também para aqueles que tenham o privilégio de a visitar e apreciar.

A sua população é composta por gente que trabalha nas mais variadas profissões, desde o sector primário, que cada vez ocupa menos mão de obra, passando pelo secundário, onde a Indústria de Lacticínios e o Comércio desempenham um papel fundamental na economia da Ilha, até ao sector terciário, que vai gradualmente ocupando um maior número da população activa.

A economia da Ilha está a ficar dotada dos meios estruturantes necessários ao seu pleno desenvolvimento. O Aeroporto, com a aerogare a ser

remodelada; o Porto Comercial a ser aumentado, complementado e reforçado; o Parque de Combustíveis em adiantado processo de implementação; os Parques Industriais do Porto Oceânico e de Angra, em plena expansão; a Agricultura com as estruturas e infra-estruturas a ficarem concluídas, como acontece com a Fábrica da Unicol, o Matadouro Industrial e os já muitos caminhos construídos em todos os Perímetros de Desenvolvimento Agrário da Ilha, bem como as centenas de explorações que já beneficiam de água canalizada; os Portos de Pesca da Praia, dos Biscoitos e da Vila Nova a funcionarem em pleno e o aumento do Porto de São Mateus já anunciado; as Escolas do Primeiro Ciclo remodeladas e a Secundária Francisco Ornelas da Câmara, na segunda fase da sua construção; o Centro de Saúde da Praia da Vitória construído e o novo Hospital de Angra com garantias de concretização; as estradas regionais da Ilha quase totalmente arrançadas, nomeadamente a regional n.º 1, que mais parece uma avenida em toda a sua extensão (Sr. Secretário José Contente, embora não estando presente aqui neste momento: tenho aqui de afirmar que, apesar da Canada do Tapete e a Canada dos Pastos, bem como a estrada do Cabrito e a ligação ao Porto Comercial estarem ainda necessitando de intervenção urgente, valeram a pena as escaramuças que os deputados do PS mantiveram consigo. Hoje, o Sr. Secretário pode orgulhar-se de ter construído estradas ao longo de toda a Ilha que, por serem tão boas, possuem o *contra* de dificultarem a acção dos toiros nas touradas à corda...

(Risos da bancada do PS)

...mas já Vitorino Nemésio se queixava de que as estradas asfaltadas eram impróprias para andar a cavalo. Não há bela sem senão...) constituem uma vasta série de benefícios, que muito vieram enriquecer e melhorar as

condições de vida dos terceirenses, contribuindo de forma decisiva para um cada vez maior desenvolvimento económico.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Este povo, que sabe compreender mas que também reivindica, tem uma capacidade crítica muito profunda.

O seu sentido de responsabilidade faz com que saibam aliar, como ninguém, o esforço do trabalho à alegria de viver, mantendo o espírito alegre e dinâmico, mesmo nas situações que exigem maior esforço.

Para os diversos meses do ano, e para cada ano que decorre, a população da Ilha Terceira soube, através dos tempos, encontrar lenitivos para as horas amargas. Da tristeza, sabe extrair alegria e boa disposição, tornando assim contagiante, a sua forma de estar na vida. Consideramos ser este o seu principal segredo.

Numa demonstração do que neste aspecto acontece, encontramos o transvazar dessa alegria logo no comemorar do surgimento do Novo Ano, onde, em grupos cada vez mais alargados de amigos, procuram celebrar esse momento.

A explosão de alegria é enorme, no agradecimento à sublime dádiva de mais um ano que chega, permitindo a continuidade de uma vida que se gosta de viver.

A forma como as Câmaras da Ilha, nomeadamente a Câmara de Angra, vêm colaborando com os terceirenses na comemoração desta data, é algo que nos apraz salientar por logo aí existir espontaneidade na convivência das autarquias com o povo. Esta será uma data comemorada universalmente, mas ali, também.

De seguida, aí por Fevereiro ou Março, surge o Carnaval. Aqui, a Ilha Terceira transfigura-se. As quatro semanas que antecedem o Domingo Gordo são de intensa azáfama no ensaio das danças, bailinhos e comédias, cujos assuntos já foram previamente escritos por esses poetas populares (de

entre os quais é obrigatório salientar o Hélio Costa da Vila das Lajes) e também no arranjo das inúmeras e ricas vestimentas que irão ornamentar os personagens, que darão vida com as suas interpretações às dezenas de manifestações culturais que naqueles dias subirão aos inúmeros palcos da Ilha.

Estas brincadeiras de Carnaval desempenham um papel fundamental na cultura terceirense. Em todos os aspectos: desde logo, na desenvoltura que provoca em quem actua, pois os ensaios não são para brincadeiras. Aprende-se a gesticular, a pronunciar bem cada palavra, a cantar, etc. Aprende-se até sobre os diversos assuntos que são levados à cena. Ajuda na formação de cada indivíduo. Desenvolve o espírito crítico. Além disso, é também mercê do Carnaval que muitos jovens optam por aprender a tocar instrumentos de corda, havendo na Ilha Terceira um número bastante elevado destes intérpretes.

Muito pouca gente (pouco mais do que os doentes) fica em casa nas noites de Carnaval. Todas as casas de espectáculos se enchem à volta da Ilha e muitas delas durante toda a noite.

Alguns bailinhos têm a sua presença garantida todos os anos. O povo exige-o São os casos dos bailinhos do João Mendonça na Agualva, do Guilherme na Praia, do Alcino na Porto Martins, do Rui Nogueira na Vila Nova, do Fernando Alvarino em São Brás, etc. Até os bailinhos da Terceira Idade são uma presença garantida nos fins de semana anteriores, pois já não possuem fôlego para aqueles dias.

Após o Carnaval segue-se a Quaresma. Tempo de reflexão, também ele necessário.

...E logo de seguida têm início as festas em louvor do Divino Espírito Santo, que durarão oito semanas.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta altura, cada *imperador*, aquele que tirou *pelouro* isto é: aquele que

tirou à sorte no ano anterior o domingo em que pagará a sua promessa, se prepara para dar a sua Função, após ter em casa a Coroa do Espírito Santo durante uma semana, em que rezará o Terço com os convidados, todas as noites.

É antes do rezar do Terço (rezado ou cantado) que se organizam os bailaricos, a festa que envolve os jovens e adultos presentes e que o Divino parece abençoar.

Na quinta-feira são enfeitados os bezerros que os *Criadores* (lavradores amigos) engordaram juntamente com o seu gado durante todo o ano, sendo tradicionalmente a rês mais gorda de toda a manada. É um *prezamento* para aquele que entrega o bezerro mais gordo, pois dá direito a ocupar no cortejo da Coroação o lugar de *Vereador mais velho*; isto é, leva a insígnia do lado direito da Coroa das promessas no cortejo.

Neste dia, muitos *imperadores* convidam os cantadores a acompanharem o cortejo dos bezerros para cantarem o Pézinho. Quando assim acontece, durante o regresso a casa com os bezerros já enfeitados, pára-se junto à casa de personalidades ou instituições a quem se cantam algumas cantigas enaltecendo os atributos dos homenageados.

Na sexta-feira eram mortos os bezerros. Agora são-no mais cedo, pois a matança tem necessariamente de ser no Matadouro, por razões de saúde pública. No sábado a carne é cortada de forma apropriada para as esmolas que serão repartidas pelas casas dos convidados e amigos, assim como para a sopa e alcatras que serão servidos no domingo da Função, após a chegada da Igreja onde se procedeu à coroação da pessoa que foi razão da promessa feita. Quase sempre e de acordo com a promessa do *imperador*, são dadas esmolas de mesa (sopa e carne) que são distribuídas antes de ser servido o almoço da Função.

Hoje, as bezerradas e cortejos das coroações são abrilhantados por Filarmónicas, que existem em quase todas as freguesias da Ilha.

Cumprida a promessa, vai agora o Divino Espírito Santo ser transportado em cortejo também, para casa do *imperador* da semana seguinte, até que se conclua o oitavo domingo.

O sétimo e oitavo domingos são os dias de Bodo.

Nestes domingos, para além das Funções que também são realizadas, há a distribuição de pão e vinho a todas as pessoas que demandem a freguesia após a missa da Coroação. Assim, para além dos *imperadores* que ocupam o Treato durante o dia, existem dois Mordomos, um para cada Bodo, que ocupam a Dispensa.

Estes pediram na freguesia durante o ano, para agora terem pão e vinho que chegue para darem a todos os que aparecem na distribuição do Bodo. Ai da freguesia ou do Mordomo onde o pão ou o vinho falte... Isso nunca deve acontecer! Seria uma vergonha.

É na quinta-feira antes do primeiro Bodo, que os Mordomos vão em cortejo automóvel buscar o vinho à freguesia dos Biscoitos (quase sempre) que ficará armazenado na Dispensa, juntamente com o pão talhado em *brindeiras*, para serem distribuídos nos dias de Bodo.

Na segunda-feira os Mordomos passam a freguesia, deixando pão e vinho em cada casa.

São oito semanas de muita alegria na casa daqueles que ficam de consciência tranquila por cumprirem uma promessa feita em hora de muita aflição.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Entretanto, o dia 1 de Maio chega por esta altura. É o dia da primeira tourada do ano, ansiosamente esperada durante seis meses e meio.

Ultimamente, é nas Fontinhas que a tourada desse dia junta mais gente. Ficou célebre, para alguns, a de 1998, pelo alvoroço que causou entre alguns amigos que quiseram ver como era. Ainda hoje retemos a imagem de como a massa humana é capaz de tomar asas quando se vê obrigada a

isso...O curioso é que após a tourada e a caminho de casa, cada um manquejava mais do que o outro e sentia orgulho por ter estado e poder demonstrar que tinha estado, bem pertinho do toiro...

Dá-se assim início à época das touradas que se vai prolongar até ao dia 15 de Outubro. Cerca de 250 touradas à corda são corridas na Ilha Terceira nesse espaço de tempo.

O centro desta festa, o toiro, tem sofrido algumas contrariedades em termos de genética ao longo destes últimos anos. Aquela garra, a revolta, a bravura, a insistência e até a maldade, têm sido substituídas por alguma suavidade e nobreza que não servem os propósitos de um toiro próprio para o caminho, próprio para lutar com o elevado número de *capinhas* de capa e guarda-sol que lhe aparecem pela frente.

Já se vai tornando raro assistir à corrida de um toiro assim, e se os ganadeiros não se interessarem pela preservação efectiva do toiro de corda, não terá valido a pena a criação da Associação para a defesa deste animal.

A mistura com as raças de toiros de lide, está contaminando aquilo que de bom, neste aspecto, havia na Ilha Terceira e que era (ainda é) seu património genuíno. É que de semelhante, o toiro da corda e o de lide, só têm a formação do corpo. No miolo, naquilo que interessa, são quase diametralmente opostos. Já o afirmávamos aqui em Fevereiro de 1999.

Isto é um assunto que tem de ser encarado muito a sério se o queremos preservar. Caso contrário, deixaremos de ver aqueles quadros de encantar, onde a astúcia do homem enfrenta o poder avassalador de um toiro bravo, mau, ruim, com vontade de abater tudo à sua frente. Essa plástica tem constituído uma referência da nossa história e os terceirenses, entre uma corrida à frente do toiro e uma ida à tasca (cuidado com a polícia) sentem a emoção de cada cena dessa luta entre o homem e a fera, mesmo que não tenha sido ele a executá-la. Revê-se nela. Faz parte dele próprio.

Naquele momento, cada um se sente um Dimas, um Magalhães, um Rocha

ou um Paulino...

Entusiasmada durante o Verão com as festas dos Oragos em todas as freguesias, onde às procissões se seguem as cantorias, os bodos de leite e as touradas, com as Sanjoaninas cada vez mais encantadoras e variadas, a que mão estranha procurou obscurecer o fulgor da sua feira taurina já com grandes repercussões no exterior, bem como as belas festas da Praia da Vitória, onde anualmente se manifestam os princípios filosóficos de Epicuro, a Ilha Terceira despede-se na Vila das Lajes dessas festas e a 15 de Outubro diz *até para o ano* aos toiros que combateram vezes sem conta nas estradas da Ilha, onde escorregaram muitas vezes, porque o asfalto é novo, é fino, é muito bom para os carros, mas é péssimo para os toiros.

A partir de agora, quando os jovens e crianças já iniciaram o ano escolar, organizam-se os grupos da sueca, algumas ferras têm lugar e o São Martinho volta a reunir os grupos que se juntavam nas touradas e que agora, entre outras coisas, discutem sobre os gueixos para o próximo ano, dos diferentes ganadeiros.

Foi por uma Terceira assim que o Presidente do Governo Regional, Carlos César, se apaixonou. Fazemos votos para que essa paixão perdure.

A seguir vem o Natal e o terceirense vive essa festa em família, tal como acontece em qualquer outro lugar. Em paz. Serenamente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O povo da Terceira é ímpar na sua forma peculiar de estar na vida, arranjando sempre espaço e tempo para os seus divertimentos, onde muitos nem sonham que existam.

Um povo que se porta assim, não teme a pressão e a angústia que atingem a maioria dos mortais. Analisa com calma tudo o que tem de enfrentar. Não precisa que alguém pense por ele. Ninguém o engana, podem crer.

Fomos eleitos por esse povo por 6 vezes, ao longo de 28 anos, para o servir como deputado. Servimo-lo durante 15 anos e meio.

Sabemos que não servimos da forma como a Ilha Terceira mereceria, pois a Terceira merece sempre mais. Todavia, saímos de consciência tranquila por sempre termos estado ao lado de quem nos procurou. A melhor recordação que levamos, para além de tantas recordações boas, é a do contacto quase permanente e directo que mantivemos com os terceirenses, como deputado, durante esses anos.

Aproveitamos esta oportunidade para endereçarmos um abraço amigo aos deputados das várias Legislaturas em que participámos, nomeadamente os da VIII Legislatura, desejando a todos as maiores felicidades pessoais para o futuro.

Estaremos acompanhando com orgulho o trabalho daqueles que continuarem a servir o povo dos Açores com a disponibilidade e o espírito de solidariedade de que sempre deram mostras.

Apenas um reparo: esta Casa tem de criar mecanismos de defesa positiva daqueles que a servem. Enquanto a servem.

Deputado José Manuel Bolieiro (PSD): *Muito bem!*

O Orador: Tem de criar condições de dignificação do cargo de deputado perante a opinião pública, pondo cobro à vulnerabilidade em que muitas vezes ele se encontra. Por vezes o deputado parece ser o osso em que todos querem morder. É que ele não tem nada para dar, a não ser o seu trabalho.

Há tanta forma da população se habituar a compreender a missão do deputado. Há que evitar o ataque que é feito, muitas vezes de forma cobarde e abstracta e outras vezes também apenas porque se não teve ensejo de vir cá parar.

Quando houver razão para o fazer, que se denuncie concretamente o deputado que não seja digno do cargo que desempenha. Fazê-lo no abstracto, enfiando todos no mesmo saco, é cobardia pura. Esta Casa pode fazer muito, pela positiva, para evitar que esta situação perdure.

Na verdade, acaba por ser a própria democracia que está em causa, quando

se lança o descrédito de forma desenfreada, continuada e persistente, sobre todos aqueles que o povo elege.

Bem hajam.

Disse.